

ATLÂNTIDA DO SERTÃO

Alessandra de Souza Cosme¹; Maria Heloísa Pontes de Souza¹; Robson Campanerut da Silva²;
Francisco Leandro Duarte Pinheiro⁴.

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, comunicacao.reitoria@ifrn.edu.br).

1 INTRODUÇÃO

O projeto segue uma continuidade de outros trabalhos desenvolvidos pelo coordenador e por nós, discentes-pesquisadoras (VALORIZAÇU e Memórias Sociais Ano I e Ano II). É, portanto, o resultado de desdobramentos de coletas de informações e análises socioantropológicas realizadas na cidade anteriormente escolhida. O processo de amadurecimento e de reflexão das pesquisadoras discentes nos projetos anteriores viabilizou o desenvolvimento de novas investigações. Ampliamos o inventário de registros sobre as memórias dos moradores da localidade referida anteriormente, com destaque para os (re)usos das configurações espaciais dentro de um contexto sócio temporal. Além disso, percebemos a necessidade de conferir outra dimensão à pesquisa, ampliando as abordagens temática e metodológica. Acrescentamos uma reflexão sobre a importância das casas em sua dimensão simbólica.

Neste projeto, desenvolvemos pesquisas sobre as reconfigurações do tecido social ocorridos na cidade de São Rafael, localidade esta que sofreu o impacto dos projetos de políticas públicas de modernização brasileira ocorrido nos últimos 35 anos, mais especificamente a gestão e realocação de recursos hídricos. A partir de uma perspectiva da antropologia interpretativa, desenvolvida por Clifford Geertz (1989), a pesquisa terá dois conceitos-chave para o entendimento dos contextos sociais, relacionais e históricos. Como Victor Turner (1974) salienta, o processo de mudança e reconfiguração social evidencia o que o autor chama de drama social, relatos presentificados das vivências das tensões explanadas pelos entrevistados nestas localidades. Além do mais, o conceito de acontecimento, desenvolvido por Marshal Sahlins (1990) também será usado como ferramenta de análise dos eventos históricos significativos que alteram as estruturas (físicas e simbólicas) de determinado contexto sociocultural.

A riqueza narrativa faz com que o projeto tenha como principal objetivo a coleta, organização e análise dos relatos que serão consubstanciados em textos, de cunho histórico e etnográfico, como também em fotografias que serão produzidos por nós, discentes-pesquisadoras. Inclusive o título do

projeto reforça que existem muitas informações ainda "submersas" neste empreendimento, onde a água e a realocação de pessoas tem um aspecto central nesta localidade pesquisada.

2 METODOLOGIA

O objetivo inicial do nosso trabalho era a reconstrução de memórias relacionadas à implantação da barragem Armando Ribeiro Gonçalves e à antiga cidade, inundada por ocasião da construção da represa, através de entrevistas com os moradores da antiga cidade. Um questionamento orienta a nossa pesquisa. Indagamos, sobretudo, o quanto de continuidade e de descontinuidade temos na nova cidade. É possível, afinal, que a antiga São Rafael tenha sobrevivido sem graves sequelas ao deslocamento, atravessando incólume o violento processo que sobre ela se abateu? Ou o que temos é concretamente uma nova cidade, que precisou se inventar, se constituir, a partir de uma realidade nova e cujo resultado seria também novo, absolutamente diverso daquela antiga experiência espacial? São perguntas que não permitem respostas simplificadoras da realidade.

A pesquisa sobre São Rafael se justifica plenamente em função da complexidade do fenômeno que analisamos, a saber, a construção da barragem e a consequente modificação da geografia que dava suporte às sociabilidades locais. Embora alguns trabalhos lidos tenham sido produzidos a respeito do evento, há ainda uma ampla possibilidade de novas reflexões. Ademais, todo trabalho de levantamento da memória local se constitui em importante ferramenta para as identidades locais. É fundamental dar voz às pessoas que sofreram o processo de remoção e construir uma história a partir do ponto de vista das pessoas, cuja perspectiva difere daquela que era reproduzida pelo discurso oficial do governo. Portanto, ambicionamos tanto aprofundar nossos conhecimentos sobre a antiga São Rafael – “A Atlântida do Sertão”, como também enriquecer os acervos já existentes sobre a mesma.

3 RESULTADOS ALCANÇADOS/ESPERADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas reuniões com o nosso coordenador Robson Campanerut e com co-orientador Francisco Leandro, no qual elaborou-se um plano de ação, onde ficou decidido que o foco principal seria a geografia fantástica, no qual nós, as orientandas, utilizaríamos as memórias dos antigos moradores como meio para a sua construção, ademais, também faríamos uso de entrevistas e descrições pessoais. A primeira visita feita, foi apenas com o sentido de exploração do território, porém, com o passar do tempo foi-se dando início a pesquisa.

Como relatado anteriormente, nosso primeiro contato com o objeto de estudo (a antiga cidade) seria apenas para observação do local, por intermédio de Jarbas, um antigo morador. Entretanto, a medida que o mesmo nos conduzia pelo local a geografia fantástica “ganhava vida”. Sendo assim, em nosso primeiro dia de visita, acabamos realizando “sem querer” um dos principais objetivos por nós almejado.

“Ali passava a ferrovia principal. Aqui ao lado ficava o pátio da escola, onde várias crianças costumavam jogar bola, logo ali eram as salas de aula. Ali embaixo ficavam algumas casas, e ali era a igreja.” (Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2016).

Jarbas Pinheiro

Terminado, voltamos para a nova cidade. Ao chegarmos, nos direcionamos a prefeitura, onde buscávamos encontrar a planta da cidade antiga, uma vez que, desejávamos usá-la como fonte para realizarmos uma comparação entre as duas cidades, pois, queríamos saber as mudanças ocorridas naquele espaço físico. Porém, foi nos dito que a maioria dos documentos daquela época haviam sido perdidos. Feito isso, concluímos a nossa primeira visita.

Com o passar do tempo as idas à São Rafael tornaram-se mais frequentes, e começamos a realizar tanto entrevistas como também, descrições pessoais.

3.1 DESCRIÇÕES PESSOAIS

Título: Quanto mais perto, menos se vê.

13/07/2016 - Foi a primeira vez que fui a cidade de São Rafael. Não imaginava o que eu iria fazer ali, nem muito menos com quem falaria, afinal, estaria entre estranhos, eu não conhecia ninguém de lá, nem moradores, nem pessoas mais "importantes". Sabia apenas que faríamos uma visita a cidade antiga com um morador de lá, estava indo apenas para conhecer meu "objeto de estudo", junto com minha parceira de TCC e o professor de história, Leandro.

Quando encontramos o morador - já na cidade - nos apresentamos e ele foi nos guiando por todo o caminho até a velha São Rafael. Caminho esse que pareceu ser interminável para mim (tanto por estar ansiosa para ver as ruínas como também para saber a história daquele local). Ao chegarmos fiquei igualmente encantada e triste com o que vi: as ruínas. Encantada, pois comecei a imaginar

como era tudo (as construções completas, as pessoas...) e triste, pois esse tudo tinha sido "destruído" tão rapidamente, como se fosse um nada.

O que mais me prendeu a atenção no nosso momento com esse senhor foi a descrição nos dada por ele. Cada palavra, cada detalhe, era como se eu voltasse no tempo, como se eu fizesse parte daquela cidade. Falava da estrada principal que passada por toda a cidade, dos comércios e da escola. Onde eram as salas, qual seu formato, falou do pátio (dava até para ver as crianças correndo de um lado para o outro, brincando, rindo). Tudo sendo reconstruído de uma maneira tão "linda".

Quando saímos de lá, fiquei ainda mais curiosa para saber como tinha sido essa transição. Não somente da cidade em si, mas também das memórias criadas lá, por seus moradores. Queria saber o que lhes passou pela cabeça, como se sentiram - tristes, felizes, ansiosos, depressivos, raivosos, esperançosos, derrotados. Queria saber mais, muitos mais. Queria conversar com antigos moradores, saber a história deles, de que viviam, e como viviam. A minha primeira visita ultrapassou as minhas expectativas, e eu mal podia esperar pelas próximas.

Heloísa Pontes

Sempre ouvi histórias sobre como era a vida da minha família materna, e a qual tenho mais contato, antes da vinda para Assú, de como era diferente, mas um diferente bom, sempre contadas com o tom de nostalgia e brilho no olhar essas histórias me encantavam, então quando organizavam uma viagem aquilo que eles chamavam de lar, eu me empolgava.

Não existia mais casas por lá, mas a aventura de explorar a mata e ouvir as histórias estando no local onde elas ocorreram me fascinava, a imaginação rolava solta. Na nossa primeira visita à velha São Rafael foi muito emocionante para mim, pois ouvindo os relatos daquele ex-morador eu pude ver a cidade com outros olhos e enxergar que havia muito mais lá do que eu imaginava, várias vivências que foram submersas e esquecidas, várias vidas a serem exploradas, e aquele sentimento que eu sentia quando era criança veio à tona.

Alessandra de Souza

3.2 ENTREVISTAS

Ao todo foram vinte e dois entrevistados, cada qual com sua importância e peculiaridade. Abaixo, mostramos alguns trechos que se tornaram marcantes para nós.

“– E a vinda para cá, foi difícil para a senhora?

– ‘Pra’ mim foi, que eu passei fome, passei sede. E lá ninguém nunca passou fome, nunca passou sede. [...] desde que eu cheguei aqui, foi um sofrimento. (Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2017).”

Sezarina Pinheiro.

Após realizar uma entrevista com uma antiga moradora da cidade, acabamos nos encantando com um trecho relatado por ela.

“[...] inclusive a casa que nós morávamos foi papai que construiu, ele sabia fazer telha, tijolo e construiu a casa, ele que cortou a madeira, que tirou toda a madeira e trouxe para construir, e os serventes que ajudaram ele, tanto para fazer as telhas como em construir a casa fomos nós; éramos eu, Iraci e Ailton (meus irmãos), nós que ajudamos, por que os outros mais velhos já moravam fora, nós éramos os ajudantes dele contínuos.” (Entrevista realizada em 05 de março de 2017).

Esmeraldina Nestor.

Percebemos que a saudade de casa não significava saudade de sua antiga moradia, e sim, algo bem maior, a saudade da antiga vida, dos vizinhos, dos laços criados ao longo da sua existência, do seu dia-a-dia. Significava a saudade da cidade antiga. Cidade esta, formada não por casas feitas de tijolo e barro, mas sim, por pessoas. Cada pessoa no seu eu singular sente isso de forma diferente, mas ao juntar a experiência que de certa forma foi parecida para todos, pudemos ver pontos em comum.

Deste modo, pudemos perceber que casa não é apenas o espaço físico, mas sim a delimitação dos espaços onde são constituídas práticas sociais entre diversos agrupamentos humanos. Com isso, o projeto que antes estava ligado somente a realocação da antiga cidade de São Rafael, hoje, busca também, mostrar a relação intrínseca entre a casa e o morador.

4 CONCLUSÕES

Temos diante de nós um objeto de estudo cindido pela dinâmica do capitalismo internacional. Uma cidade? Pelo menos duas, uma experiência decomposta: uma anterior à chegada da barragem, carregada de significados, de símbolos, de marcas; outra posterior, oferecida pelo Estado, projetada por engenheiros, entregue nos moldes de um conjunto habitacional e com apenas quatro modelos de casas, a cidade toda se repetindo em formas e cores.

Pudemos captar na fala dos entrevistados que saudade de casa já não significava pesar por sua antiga moradia, e sim, algo bem maior, a lembrança da antiga vida, dos vizinhos, dos laços criados ao longo da sua existência, do seu dia-a-dia. Significava a saudade da cidade antiga. Cidade esta, formada não por casas feitas de tijolo e barro, mas sim, por pessoas. Cada pessoa no seu eu singular sente isso de forma diferente, mas ao juntar a experiência que de certa forma foi parecida para todos, notamos pontos em comum.

Deste modo, constatamos que casa não é apenas o espaço físico, mas sim a delimitação dos espaços onde são constituídas práticas sociais entre diversos agrupamentos humanos. Com isso, o projeto que antes estava ligado somente a realocação da antiga cidade de São Rafael, hoje, busca também, mostrar a relação intrínseca entre a casa e o morador.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Djalmir Arcanjo Da. São Rafael: a história que o progresso naufragou. Jucurutu/RN: Gráfica S. Expedito, 2010.

FERNANDES, Ana Amélia. Autoritarismo e resistência no Baixo Açu. Natal: CCHLA/UFRN, 1992.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GEERTZ, C. Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. ETNOGRAFIA DE RUA: ESTUDO DE ANTROPOLOGIA URBANA. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS, v.4 n.7, 2003.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Escafrandistas do tempo: memórias e histórias de vida em São Rafael - RN. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Teias da saudade: Orkut, narrativas visuais e regeneração da memória em São Rafael - RN. Natal: IFRN, 2012.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974

VARGAS, Nazira Abib. Beiradeiros do Baixo Açu: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1987.